



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **AVENTURAS DE MANUEL MARQUES, CRISTÃO VELHO NATURAL DE BUARCOS QUE ARRENEGOU DA FÉ CATÓLICA EM TERRAS DE MOUROS.**

FIGUEIREDO, António Mesquita de

Ano: 1921 | Número: 31

---

### **Como citar este documento:**

FIGUEIREDO, António Mesquita de, Aventuras de Manuel Marques, cristão velho natural de Buarcos que arrenegou da fé católica em terras de mouros. *Revista de Guimarães*, 31 (1-2) Jan.-Jun. 1921, p. 37-45.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

« AVENTURAS DE MANUEL MARQUES,  
CHRISTÃO VELHO, NATURAL DE BUAR-  
COS, QUE ARRENEGOU DA FÉ CATOLICA  
EM TERRA DE MOUROS. »

---

No decurso dos meus trabalhos eurísticos para a monografia histórica do actual concelho da Figueira, foz do Mondego, em que trabalho há aproximadamente três anos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, reunindo o maior número possível de referências históricas documentárias daquela região, dispersas pelos diferentes corpos daquele Arquivo, cheguei logicamente ao estudo do Cartório do Santo Officio, na parte referente à Inquisição de Coimbra, em cujo distrito estava situada a região de que me ocupo. Ninguém poderá conhecer a história portuguesa, geral e local, sobretudo do século XVII, sem fazer um exame consciencioso dos documentos preciosos que encerra o importante Cartório do Santo Officio. A vida portuguesa à luz dos processos inquisitoriais aparece-nos iluminada de clarões inéditos, que ora revestem a forma sinistra de verdadeiras tragédias, ora mostram aspectos curiosíssimos de costumes, que olhados à distância de algumas centenas de anos, palpitam ainda de naturalidade e movimento. Nesta altura da minha investigação não posso por enquanto apresentar um conjunto sintético de observações gerais, porque dos duzentos e tantos processos crimes que apurei para a região objecto do meu estudo, entre o número total de dez mil duzentos e setenta e cinco, pertencentes à Inquisição de Coimbra, apenas estudei metade, não tendo ainda começado sequer a folhear as habilitações dos familiares locais, que tanta luz podem fornecer para a história das famílias. Sei já, porém, que de todas as povoações do actual concelho da Figueira, a vila de Buarcos, é a terra em que havia maior número de *judeus*, cristãos novos, que foram metódicamente perse-

guidos pela Inquisição: famílias houve das quais será raro o auto-de-fé em que não figure algum dos seus membros: a dos Biscainhos, por exemplo, está neste caso.

As peças do processo que a seguir vou transcrever, sem comentários que julgo desnecessários, são um dos mais interessantes episódios que até hoje encontrei, e mais um documento que nos vem demonstrar a insegurança das nossas populações da beira-mar, sujeitas durante êste século, às sucessivas agressões dos piratas Ingleses e Berberiscos, o que devia servir de grande estôrvo ao exercício e desenvolvimento das indústrias da pesca e navegação.

«Aos vinte e dous dias do mes de janeiro de mil seiscentos e dezoito anos em Coimbra na Casa do Despacho da Santa Inquisição de Coimbra, estando ahí os Sñrs Inquisidores em audiência da tarde perante elles pareceo sem ser chamado um moço que disse ser de idade de quinze ou dezaseis annos filho de Diogo Pires homem do mar morador da villa de Buarcos, e por dizer que tinha de que se accusar nesta Mesa por ser menor lhe foi dado Curador Antonio de Padua, Porteiro da Mesa do Despacho aquem foi dado juramento dos Santos Evangelhos em que pôs a mão e sob cargo delle lhe foi mandado que bem e verdadeiramente aconselhasse o Reo e lhe desse sua autoridade para poder estar em juizo e nelle tomar juramento de dizer verdade em tudo. Aqual elle lhe deu e disse que interpunha e dava sua autoridade para o sobredito e tomar juramento o qual logo lhe foi dado. E sob cargo delle prometeo dizer verdade e disse chamar-se Manuel, e que elle se criara na dita villa de Buarcos até ser de idade de doze ou treze annos, e que avera tres pouco mais ou menos andando elle confitente em um barco que era de Pero Roiz, x. velho da mesma villa, com elle e com João Rolão, Pero Luis, e um moço por nome Paulo cego de um olho, e outras pessoas de cujos nomes ao presente senão lembra todos homens do mar e moradores na sobreçita villa, e erão segundo sua lembrança, vinte e um por todos, no monte do Mondego, que he cinco leguas ao mar, colhendo as Rêdes, vierão ter com elles tres navios de Argel, que andavão roubando, e nelles vinha por Capitão mor um arrenegado framengo de nação: por nome Solimão a Rais (sic), e cativarão, a elle confitente, e a

todas as mais pessoas, que estavam no dito barco, e os repartirão pelos navios, e a elle confitente meterão na capitania em que vinha o dito Solimão a Rais juntamente com os sobreditos João Rolão e Pero Luis, e outros tres ou quatro cativos, cinco ou seis por todos, e dali foram os ditos tres navios em conserva correndo a costa onde tomaram um barco de Azurara, e dous ou tres de Vianna de Caminha (sic) e passando pelas Ilhas de Bayona fizerão augoada e se detiveram um dia e ao fim de nove ou dez se foram á cidade de Argel indo em companhia d'elle confitente alem dos cinco ou seis cativos de Buarcos quinze ou dezaseis de Azurara e Viana entre os quaes iam cinco ou seis pouco mais ou menos da idade d'elle confitente, dous dos quais erão de Azurara que se chamavam Bastião e Manoel o solinho de alcunha e de Viana um que se chamava Gregorio e outro Manoel da mesma villa e outro moço da Galiza a quem chamavão o Galego, e não se lembra do nome proprio. E desembarcados na dita cidade de Argel meterão a elle confitente e a todos os mais cativos que seriam perto de sessenta portuguezes, franceses, ingleses e doutras nações em casa do sobredito Solimão a Rais que está perto do mar, onde os proveram do necessario, dando-lhes dous pães a cada um para cada dia e arroz á noite e alguma carne, e os tiravão todos os dias pellas manhãs á praça da cidade com guardas, que os levavam para os vender, como defeito se iam vendendo pouco e pouco, e passados cinco ou seis dias um Arraes por nome Cuchicapte que rezidia na dita cidade de Argel, e era natural de Constantinopla comprou a elle confitente por cem patacas, e os mais cativos se venderam tambem a diversas pessoas, e se dividiram por muitas partes ficando alguns delles na dita cidade de Argel entre os quaes ficou elle confitente, e todos os cativos de Buarcos que iam na capitania e cinco ou seis mais dos que iam em outro navio, e que até o tempo, em que elle foi vendido ao dito Arrais Cuchicapte lhe não tinham falado em deixar sua Santa fé, e se tornar mouro, posto que no tempo em que andarão no mar antes de desembarcar em Argel, algumas vezes lhe perguntavão os mouros a elle e aos mais companheiros se se queriam passar á sua lei: mas, não apertavão com elles porque o não costumam fazer emquanto os não vendem. Porem que o dito seu amo Cuchicapte depois de o ter em sua casa lhe perguntou se tinha elle

com que se resgatar, e respondendo elle confitente que não, o dito seu amo lhe disse que cedo se avia elle de tornar mouro, e, elle respondeo que o não havia de fazer, e nas duas noutes seguintes estando elle na cama com outro cativo francês de nação, o dito seu Amo se levantava e ia á cama onde elle e o dito francês estavam, e pegava nelle querendo levalo consigo. . . . persuadindo-lhe juntamente que se tornasse mouro, e, elle não queria ir com o dito seu Amo por entender, que o levava por querer usar mal delle e chamava por Nossa Senhora e pelo Santissimo Sacramento que lhe valessem, e o dito seu Amo porque elle confitente se calasse lhe apertava com as mãos o pescoso e com hum cabo de corda alcatroado dava muitas pancadas nelle confitente por todo o corpo disendo-lhe que se tornasse mouro, e que fosse com elle. . . . e isto fazia só a elle confitente e não ao outro cativo frances, ao qual não dizia que se tornasse mouro: porque era já homem de idade e os mouros costumão fazer mais força aos moços para que arrenquem, por se servirem mais tempo delles, e tambem porque os vencem mais facilmente que não aos homens, que fazem mais resistencia: e que isto acima referido se passou na primeira noute e na seguinte lhe fez o dito seu Amo o mesmo dandolhe muitas pancadas, tanto que uns Turcos que estavam na mesma casa movidos de compaixam acudiram a elle declarante tirando da mão, ao dito seu Amo, a corda com que elle dava, e outro dia tratava tambem o dito seu Amo de persuadir a elle confitente que se tornasse mouro, e lhe falava nisto muitas vezes e algumas lhe dava e tratava mal por não querer consentir no que o dito seu Amo pretendia: o qual um dia dependurou a elle confitente em uma trave atado com uma corda com a cabeça para baixo, e os pés para cima e nas solas delles lhe deu muitas pancadas com um cabo de corda, dizendo-lhe ao tempo que lhas dava que se tornasse mouro repetindo isto muitas vezes e não cessando de dar nelle confitente tendo fechada a porta para que ninguem lhe acodisse, e vendose elle confitente muito maltratado, e não podendo resistir, nem sofrer as dôres disse falando com o dito seu Amo as palavras seguintes:— Deixe-me que já estou mouro. E elle lhe tornou a perguntar se estava fino mouro, e disendo lhe elle confitente que mal podia estar fino mouro, pois o fariam ser a poder de pancadas e por força, o dito seu Amo se indignou con-

tra elle e indo para continuar as pancadas elle com medo dellas lhe disse que já estava fino mouro e o dito seu Amo lhe mandou que em sinal de o estar levantasse o dêdo para o ar e dissesse — *le iles, lá lá*, que na lingua Arabiga segundo elle confitente depois soube, quer dizer que não há mais que um só Deos: e que elle confitente fez levantando o dedo para o ar, por ter as mãos desatadas, e, disse as palavras sobreditas que o dito seu Amo lhe ensinou, o qual logo desatou a elle confitente e dahi por diante o tratou melhor tendo-o como dantes em sua casa como escravo e servia de lavar a roupa, varrer a casa, e fazer de comer ao dito seu Amo andando com vestido e habito de mouro o qual o dito seu Amo lhe fez vestir alguns dias dantes, que elle confitente se tornasse mouro: porque asi o fazem os mouros aos cativos xpãos quando são moços ainda que não arreneguem. E que depois dalli a dous meses pouco mais ou menos o dito seu Amo dissera a elle confitente e a outro cativo francês mancebo o qual tambem tinha arrenegado, que emquanto senão retalhassem não eram mouros e elle confitente e o dito francês entendendo que o dito seu Amo lhe dizia por verem algumas vezes fazer a dita cerimonia a outros cativos responderam que fizesse elle o que fosse servido o qual logo mandou buscar um mouro barbeiro e dar recado a outros mouros e turcos para que se achassem presentes: e, sendo perto da noute comeram em casa do dito seu Amo muitos dos ditos Turcos e mouros que foram convidados e acabando de comer sendo já noite chamarão a elle e ao sobredito francês, e em presença de todos os retalharão dizendo os circumstantes todos juntos: *Alá Alá* e a elle confitente para o dito effeito de ser retalhado o fizeram assentar em um banco tendo-lhe um mouro por detrás tomado os braços e mãos para que não bolisse, e o dito barbeiro com uma navalha o circumcidou, . . . e lhe poseram o nome Morate e o curaram logo e o mesmo fizeram ao sobredito francês o qual se circumcidou tambem na mesma forma e lhe poseram o nome de Memi e dalli por diante ficou elle confitente em casa do seu Amo como dantes, conhecido por Mouro e como tal se tratava deixando o nome de Manoel, que dantes tinha usando do de Morate que na dita circumcisão lhe fora posto, e por ser dada a hora senão foi com esta sessam por diante, a qual sendo-lhe lida em presença de seu curador disse es-

tar escrita na verdade, e a seu curador foi mandado que tivesse segredo em tudo sob juramento que tinha recebido. E elle o prometeo fazer e ao dito Reo que senão fosse desta cidade sem licença desta mesa e que viesse a ella todas as vezes que fosse mandado sob pena de ser gravemente castigado e asinou com seu curador juntamente com os Sñrs Inquizidores. Simão nogueira o escrevi. Manoel Marques. Bastião de Mattos de Noronha. Simão Barreto de Menezes.

«Aos vinte e tres dias do mes de janeiro de mil seiscentos e dezoito annos, em Coimbra na casa do despacho da santa Inquisição estando alli os senhores Inquizidores em audiencia de pela manhã mandarão vir perante si Manoel, natural da villa de Buarcos conteudo nestes autos para continuar sua confissão e sendo presente lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos sua mão e sob cargo delle prometeo dizer verdade e ter segredo, e disse que depois delle confitente se circumcisar, e tomar o nome e habito de mouro como tem dito na sessam atras ficou na cidade de Argel em casa do Arrais Cuchicapte servindo como dantes. E passados tres mezes pouco mais ou menos se embarcou com elle em um navio de um Turco por nome Baluco Baxim, indo por capitão delle, e levou consigo a elle confitente, para o levante onde o dito navio e outros que tambem partiram juntamente da dita cidade de Argel andarão a corso alguns meses por junto a Mayorca e Cartajena fazendo algumas presas e tomando alguns xpãos e depois pello discurso de tres annos que elle confitente esteve na dita cidade de Argel se embarcou por cinco ou seis vezes em companhia do seu Amo sempre em habito de mouro conhecido dos mouros e nomeado por tal, etc. Disse mais que o dito Cuchicapte depois d'elle se circumcisar algumas noutes foi ter com elle. . . . (1) onde consumava. . . . o pecado nefando de sodomia o que foi por algumas vezes e não se afirma quantas. E elle confitente por mais não poder consentir no dito pecado sabendo muito bem que era grave offensa de Deos, e que avera cinco ou seis mezes pouco mais ou menos se embar-

(1) Nota á margem: «Pecado nefando sendo o R. paciente».

cou o referido Arrais Cuchicapte seu Amo no porto de Argel trazendo em sua companhia a elle confitente e outros navios que vinhão em conserva do seu com tenção de irem tomar uma ilha dos xpãos, a que não sabe o nome mas era nas Canarias, e depois de estarem no mar alguns dias lhe deu uma tormenta, que fez apartar os ditos navios e o do dito seu Amo com outros vieram dar ao Cabo de S. Vicente donde os mais navios se tornaram á Barbaria ficando só o em que vinha seu Amo e elle confitente, e sendo do norte forão ter com elles uns navios da Armada Castelhana, que depois de pelejarem com elle por espaço de tres horas o renderão tomando o dito navio com todos os mouros e xpãos cativos que nelle vinham e elle confitente disse a alguns dos soldados castelhanos que já tinham entrado no navio, que era xpão pela graça de Deus, e elles o tomaram e mudaram para a Almiranta da Armada castelhana, onde andou dous mezes pouco mais ou menos e foram a Cadis, onde se detiveram outros dous mezes e dali se vieram para a cidade de Lisboa na dita Armada Castelhana: e estando elle confitente no navio São João, aonde o tinhão mudado sobre a ancora junto a São Paulo, vendo que o não querião deixar desembarcar e aos mais cativos xpãos se deitou ao mar sendo noite e se veo a uma caravella que estava tambem ancorada e depois sendo ainda noite se foi á cidade de Lisboa aonde tem uma tia parenta de sua Mãe, a qual o recolheu e lhe deu um vestido velho. E elle confitente mandou recado a sua Mãe á villa de Buarcos dando-lhe novas de como era chegado a Lisboa, e sua Mãe partio logo para o ir buscar e trazer consigo, e encontrando-se ambos a riba de Povos, sete leguas de Lisboa se vieram a esta cidade e foram pousar a casa de Manoel Dias Meirinho dos Clerigos por ser seu amigo e conhecido. E elle confitente por conhecer o mau estado em que andava disera aos ditos Manoel Dias e a sua Mãe, que queria vir acusarse a esta mesa, como tem feito. E que das culpas que cometeo contra nossa santa fé catolica, e tem dito nesta sua confissão está muy arrependido e pede perdão e misericordia e promette daqui por diante ser bom e verdadeiro xpão — foi-lhe dito que por Deos nosso Sñr lhe fez tam grande mercê como foi tirallo de terra e poder de mouros, dar-lhe liberdade e trazêlo a casa de seus Pais e muito maior em lhe dar graça e mover a elle vir apresentar-se a esta mesa, para nela o

reduzirem ao gremio da Santa Madre Igreja e caminho de sua salvação de que andava bem desviado: procure quanto em o que for aproveitar-se do remedio que tem entre mãos para desencarregar sua consciencia e salvar sua alma proseguindo e levando ao cabo o bom conselho que tomou confessando inteiramente suas culpas e respondendo com verdade a todas as perguntas, que nesta mesa lhe forem feitas. E para que mais livremente o faça, seja certo que pelas culpas que entre mouros cometeu contra nossa santa fé catolica, e nesta mesa tem confessado não hade aver pena alguma corporal antes será tratado com toda a misericordia benignidade e favor tendo-se respeito á sua idade e ser o crime principal de que se acusa, fraqueza em que caem outros de mais anos, e que mais obrigação tem de serem constantes na confissão de nossa santa fé — pelo que posto todo o temor de parte diga e manifeste inteiramente a verdade de tudo o que for perguntado porque é para seu bem e remedio de sua alma o querem fazer.»

Sôbre estes casos foi pronunciada neste processo a sentença seguinte:

« — Forâm vistos na mesa do Santo Officio aos 26 de janeiro de 618 estes autos e confissões de Manoel Marques, solteiro, xpão velho da villa de Buarcos, e pareceo a todos os votos que pela presumpção que contra elle resulta de aver apostatado da nossa Santa fé catolica por se aver circumcidado entre mouros tomando o nome e habito de mouro, abjure de levi sospeito na fé na mesa do Santo Officio visto sua pouca idade e a razão porque diz se moveo a fazer o sobredito, e perseverar naquelle estado, e vir-se apresentar a esta mesa onde confessou suas culpas, e que seja instruido nas cousas da fé necessarias para a salvação de sua alma, e aja penitencias espirituas a arbitrio dos inquisidores, e se lhe mande que não seja homem de mar, e viva d'outro officio daqui por diante, pelo perigo que ha de que sendo cativo outra vez, tornará a reincidir nas mesmas culpas. E que da sodomia que confessa senão deve fazer caso, assi por ser comettida *extra regnum* onde não parece, ha lugar o breve, como tambem por ter confessado voluntariamente, não avendo contra elle prova ou presumpção alguma, e parecer mais á maior

parte dos votos que o Reo devia ser absoluto *ad cautelam* da excomunhão em podia ter cahido, digo encorrido. E a todos os votos que pague as custas e que não vá ao Conselho vista a certidão junta a estes autos, e não se tratar nelles do crime nefando posto o Reo o confesasse incidentalmente. E assistio como o ordinario o S<sup>or</sup> bpo Conde.

*A Bpo Conde*

<i>Sebastião de Mattos de Noronha</i>	<i>Simão Barreto de Menezes</i>
<i>Gaspar Borges d'Azevedo</i>	<i>Miguel Soares Pereira</i>
<i>Pero Cabral</i>	<i>Bento d'Almeida</i>
<i>João Pimenta</i>	<i>Dom Diogo Lobo</i>
<i>Matheus Peixoto Barreto</i>	<i>Frei Vicente Pereira.—&gt;</i>

Lisboa. S. Sebastião da Pedreira, 31 de Março de 1921. — 1.º aniversário da extinção do Tribunal do Santo Officio em Portugal.

ANTONIO MESQUITA DE FIGUEIREDO.